

Reflexões sobre a Sexualidade na Sociedade Latino-Americana: Implicações para Intervenções em Face do HIV/AIDS*

RICHARD G. PARKER**

RESUMO

Esse texto discute questões relacionadas à sexualidade e HIV/AIDS na América Latina, enfocando as formas pelas quais as culturas sexuais organizam representações e práticas que podem levar à vulnerabilidade em relação à infecção pelo HIV. Discute-se, ainda, o desenvolvimento de um programa amplo de prevenção à infecção para homens que fazem sexo com homens. O texto sugere que intervenções para reduzir o risco de infecção pelo HIV não devem ser limitadas no âmbito comportamental, mas, principalmente, no das representações que os indivíduos têm sobre suas práticas sexuais. Mudanças comportamentais devem ser conceituadas como parte de um processo mais abrangente de mudanças sociais - processo este que é, por natureza, menos técnico do que social, cultural e político.

Palavras-chave: HIV/AIDS; sexualidade; homossexualidade; prevenção; América Latina.

* Uma versão preliminar do atual texto foi apresentado na reunião da Royal Society of Medicine e o NIH sobre intervenção comportamental e AIDS, Londres, em julho de 1995, e publicado no *International Journal of STD & AIDS*, vol. 7, n. 2, pp. 62-65, 1996. Outra versão do texto foi apresentado como palestra plenária na IV Conferência Panamericana sobre AIDS/X Congresso Latino-Americano sobre Doenças Sexualmente Transmítidas, Santiago, em novembro de 1995. A revisão do texto foi facilitada e apoiada pelos comentários de diversos participantes destes eventos. Agradeço especialmente a Edgar Hamann, Jane Galvão, Juan Carlos de la Concepción, Katia Guimarães, Maria Eugênia Lemos Fernandes, Murilo Mota, Regina Maria Barbosa, Vagner de Almeida, Vera Paiva e Veriano Terto Jr. por suas inúmeras contribuições ao desenvolvimento deste trabalho. Subsídios para as atividades de pesquisa e intervenção discutidas neste trabalho foram forenecidos pela Fundação Ford, a Fundação John D. and Catherine T. MacArthur, o Projeto AIDSCAP do FHI e da USAID, e o Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde do Brasil. Excusado dizer que as opiniões aqui expressas são exclusivamente do autor, e não refletem necessariamente o ponto de vista de qualquer instituição patrocinadora deste trabalho.

** Ph.D., professor adjunto do Instituto de Medicina Social da UERJ e Secretário Geral da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS — ABIA.

ABSTRACT

Reflections on Sexuality in Latin American Society: Implications for HIV/AIDS Interventions

This essay examines issues related to sexuality and HIV/AIDS in Latin America. It focuses on the ways in which sexual cultures organize representations and practices that may lead to vulnerability in relation to HIV infection, and discusses the development of a large-scale prevention program in Brazil for men who have sex with men. It suggests that interventions to reduce the risk of HIV infection must seek to function not only at the level of behavior, but more importantly at the level of the representations that people hold about their sexual practices. Changes in behavior must be conceptualized as part of a more broad-based process of social change — a process which is less technical than social, cultural and political in nature.

Keywords: HIV/AIDS; sexuality; homosexuality; prevention; Latin America.

RÉSUMÉ

Réflexions sur la Sexualité dans la Société Latino-américaine: Implications pour Interventions Face le SIDA/HIV

Ce texte discute les questions relatifs à la sexualité et le SIDA/HIV en Amérique Latine, en focalisant sur les formes par lesquelles les cultures sexuelles organisent représentations et pratiques que peuvent apporter la vulnérabilité en ce qui concerne l'infection par HIV. L'article discute aussi le développement d'un programme ample pour prévenir l'infection des hommes que ont relations sexuelles avec d'autres hommes. Le texte suggère que les interventions pour réduire le risque d'infection par HIV ne doivent pas être limitées eu niveau du comportement, mais surtout au niveau des représentations que les individus ont sur leur pratiques sexuelles. Changements de comportement doivent être conçus comme partie d'un procès plus large de changements sociales — un procès, par nature, moins technique que social, culturel et politique.

Mots-clé: SIDA/HIV; sexualité; homossexualité; prévention; Amérique Latine.

Recebido em 20/02/97.

Aprovado em 21/05/97.

I

Gostaria de começar este ensaio chamando a atenção para alguns pontos. Primeiro, quero assinalar que quando me proponho a falar sobre a sexualidade na América Latina como um todo, reconheço que é impossível, no contexto de um artigo tão curto, fazer jus a um campo de estudo tão abrangente, assim como é difícil abordar a rica diversidade sociocultural que caracteriza as sociedades da região latino-americana. Meu enfoque irá abranger um quadro geral, pintado em grandes pinceladas, no intuito de enfatizar alguns padrões importantes que parecem estar presentes por toda a região.

Em segundo lugar, gostaria de assinalar que o estudo da sexualidade, embora seja necessariamente meu ponto de partida, não é meu ponto final. Pelo contrário, minha meta primordial será examinar a organização sociocultural em relação à cultura sexual na região latino-americana a fim de examinar com maior eficácia a questão da intervenção como resposta ao avanço da infecção por HIV e AIDS. Neste contexto, a sexualidade deve ser entendida não como um fim *per se*, mas, antes, como um dos elementos-chave da experiência humana que precisamos para nos empenhar em entender de modo a enfrentar com maior eficácia os problemas que a epidemia nos apresenta.

Há mais de uma década que a rápida disseminação da infecção por HIV nas diversas populações da América Central e do Sul chama a atenção para a vulnerabilidade das sociedades latino-americanas diante da AIDS (ver Mann, Tarantola e Netter, 1993). Ao mesmo tempo em que uma quantidade cada vez maior de pesquisas vêm documentando a complexidade e as especificidades socioculturais e comportamentais características tanto de homens como de mulheres em diversas sociedades latino-americanas (Caceres *et alii*, 1994; Carballo-Diéguez, 1989; Carrier, 1989; Daniel e Parker, 1991; Parker *et alii*, 1994), também chamaram a atenção para determinados padrões que aparecem em grande parte da região latino-americana, os quais devem ser levados em conta no esforço de elaborar programas de prevenção da AIDS visando reduzir o risco da infecção por HIV. Em particular, eu apontaria para, no mínimo, três importantes questões interligadas que surgem quando pensamos em projetar atividades preventivas: 1) a organização sociocultural das relações de gênero, e as maneiras como as noções simbólicas sobre gênero estruturam as relações sexuais entre homens e mulheres; 2) a organização sociocultural (intimamente relacionada à questão de gênero) das relações entre pessoas do mesmo sexo; e 3) neste contexto,

a construção sociocultural dos atos sexuais, que de muitas maneiras independem de atores específicos.

Talvez a característica mais importante ou mais profundamente enraizada da cultura sexual na América Latina seja o que se convencionou chamar, popularmente e na literatura acadêmica, de a cultura do machismo — o complexo sistema ideológico que organiza as relações de gênero, hierarquicamente, estabelecendo relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres (ver Parker, 1991; Lancaster, 1992). Por toda a região, as relações de gênero se organizam, por um lado, em termos de arraigadas noções da “atividade” ou domínio da masculinidade, em contraste com a “passividade” e submissão da feminilidade. A sexualidade masculina caracteriza-se como expansiva e quase incontrollável, enquanto a feminina é percebida como objeto do controle masculino. Espera-se que os machos iniciem sua atividade sexual assim que entrem na adolescência, e que tenham múltiplos parceiros sexuais, antes e depois de casados; das mulheres espera-se que se abstenham de atividade sexual antes do casamento, e que não tenham relações sexuais extraconjugais. Neste sistema machista, as mulheres exercem pouco ou nenhum direito em relação à expressão sexual dos homens, enquanto estes exercem um poder quase que absoluto sobre o comportamento sexual das mulheres.

Corolário importante deste sistema de relações de gênero é o fato de que as interações do mesmo sexo também se estruturam, pelo menos em princípio, baseadas na hierarquia do gênero, por linhas de atividade e passividade (Daniel e Parker, 1991; Lancaster, 1992; Parker, 1991). Portanto, as interações sexuais entre homens são conceitualizadas dentro da estrutura de relações de masculinidade e feminilidade, e o papel sexual dos parceiros como sendo ativo (inserindo) ou passivo (penetrado) é, de certo modo, mais importante que a escolha do objeto sexual (macho ou fêmea) para definir noções de identidade sexual e valor social. Embora o comportamento homossexual seja altamente estigmatizado e discriminado nas culturas latino-americanas, o parceiro ativo e penetrador nas relações entre o mesmo sexo pode, assim, preservar o sentido de sua identidade fundamentalmente masculina. Assim, interações eventuais com parceiros do mesmo sexo não necessariamente podem caracterizá-lo como distinto de outros homens machos ou masculinos. Por outro lado, os homens passivos ou efeminados assumem o papel simbólico das mulheres, e estão sujeitos a estigmas dos mais severos entre aqueles presentes nas sociedades latino-americanas. Possivelmente mais importante, na falta de identidade sexual amplamente aceita e compartilhada como fator

unificador, o desenvolvimento de comunidades homossexuais com suas próprias instituições capazes de fazer face à epidemia, ficou relativamente limitado na maior parte da região latino-americana, e somente nesta década, em grande parte simultaneamente à própria epidemia, é que comunidades gay mais atuantes começaram a emergir em alguns centros urbanos e a enfrentar questões levantadas pelo HIV/AIDS.

Finalmente, assim como a organização social das relações sexuais, quer entre homens e mulheres, quer entre homens, as próprias práticas sexuais são social e culturalmente constituídas ou construídas/organizadas dentro do contexto de roteiros sexuais que se aprendem ao longo da vida de indivíduos específicos (Parker, 1991). Talvez o mais importante seja que estes roteiros sexuais organizem não apenas a norma de comportamento adequado ou socialmente sancionado (intercurso heterossexual de parceiros casados para fins reprodutivos), mas também os desvios culturalmente imagináveis desta norma: sexo oral e anal, entre membros de sexos opostos ou do mesmo, dentro ou fora do contexto conjugal, e para fins de prazer sexual em vez de reprodução. Por toda a América Latina, enfatiza-se fortemente a transgressão de normas socialmente sancionadas para definir relações sexuais eroticamente satisfatórias, e uma variedade de práticas sexuais associadas com o maior risco de transmissão do HIV (tais como intercurso anal tanto hetero como homossexual) desempenham papel especial na definição de roteiros sexuais ou eróticos.

Em conjunto, esses fatores socioculturais fornecem um pano de fundo que deve ser levado em conta ao considerarmos as possibilidades de programas preventivos de AIDS para a América Latina. É fundamental para a compreensão de padrões epidemiológicos na região que se leve em conta: taxas precoces de infecção entre homens que fazem sexo com homens, sobretudo em áreas urbanas e em condições sociais nas quais a separação dos papéis ativo e passivo é menos pronunciada, seguido pela rápida disseminação da transmissão heterossexual, particularmente em cenários mais tradicionais e entre as camadas populares, onde a dominação masculina é mais pronunciada e as possibilidades de as mulheres negociarem práticas sexuais e reprodutivas são mais restritas. Sugere ainda que a resposta ao HIV/AIDS nas sociedades latino-americanas não possa ser conceituada como uma simples questão de mudança de comportamento individual. Pelo contrário, deve ser entendida como parte de um processo complexo, e de longo prazo, de transformação sociocultural muito mais ampla destinada a transformar as relações de poder que efetivamente estruturam a

vulnerabilidade ao HIV/AIDS nas sociedades latino-americanas (Parker, 1994).

II

É evidente que uma das principais implicações desses modelos culturais, e da filosofia de prevenção do HIV/AIDS que pretendo defender, é a apreciação do fato de que nenhuma intervenção por si só, nem mesmo nenhum conjunto de intervenções, sejam adequados para responder aos riscos que representam o HIV/AIDS. Pelo contrário, deve ficar claro que múltiplas intervenções projetadas por e para diversos grupos da população (mulheres heterossexuais, homens homo, bi e heterossexuais, de diversos cenários socioeconômicos, e assim por diante), devem ser desenvolvidas, e que programas de intervenção devem ser concebidos dentro de um arcabouço mais amplo que aborde não apenas as questões específicas de modos de comportamento de risco (de infecção por) HIV/AIDS, mas também as condições estruturais (injustiça e desigualdade sociais, estigmatização e discriminação, direitos sexuais e cidadania sexual, desenvolvimento e mobilização da comunidade etc.) que devem ser enfrentadas com o intuito de reduzir a vulnerabilidade da sociedade não só ao HIV/AIDS, mas também a toda questão de saúde sexual.

Esta abordagem básica sublinha uma faixa de atividades de intervenção recém- desenvolvidas em vários países-cenários latino-americanos. Para dar apenas um exemplo que conheço de perto, gostaria de aproveitar o trabalho que venho desenvolvendo junto com colegas da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) no Rio de Janeiro para intervir frente à continuada infecção por HIV entre homens que fazem sexo com homens no Brasil. Este trabalho tem se baseado em determinadas conclusões a que chegamos nas pesquisas feitas desde o fim dos anos 80: 1) que as práticas de alto risco continuam sendo comuns apesar de conhecimentos e informações amplamente difundidas; 2) as práticas de alto risco por parte de muitos homens que fazem sexo com homens está intimamente associada ao isolamento social e a conflitos psicológicos provocados por preconceitos e discriminação amplamente disseminados no que diz respeito à homossexualidade; e 3) somente através da resposta a este contexto mais amplo de opressão sexual, e de situar a prevenção da AIDS positivamente como elemento-chave na construção de uma cultura de “sexo mais seguro” como prática da comunidade, é que podemos efetivamente combater a epidemia (Watney, 1990).

Tomando estes pressupostos como ponto de partida, procuramos desenvolver uma gama de atividades e estratégias destinadas a desmitificar a relação entre a homossexualidade e HIV/AIDS e a criar um ambiente social solidário para reduzir a mudança de comportamento por parte da comunidade gay. Temos focado alguns objetivos-chave: 1) combater o estigma e discriminação relacionados à homossexualidade na sociedade brasileira, procurando desmitificar a conduta homossexual e desenvolver uma avaliação mais realista, por parte do público em geral, do relacionamento entre AIDS e homossexualidade; 2) desenvolver uma série de atividades destinadas a alcançar os homens que fazem sexo com homens nos diversos locais onde se desenvolvem subculturas homossexuais; e 3) desenvolver uma série de serviços e atividades solidários para atrair os homens que fazem sexo com homens para redes de apoio sociopsicológico visando contribuir para a redução do risco (Terto Jr., 1994).

A gama de atividades desenvolvidas no intuito de alcançar estes objetivos é relativamente diversa: produção de vídeos educativos destinados não apenas a homens que fazem sexo com homens, mas também ao público em geral, com a finalidade de minimizar o preconceito e a discriminação amplamente difundidos; produção e distribuição de material educativo impresso que enfatiza menos a informação objetiva (já que a pesquisa social e comportamental tem mostrado serem relativamente altos os níveis de informação) do que a erotização de práticas sexuais mais seguras e a ênfase ao acesso a serviços de saúde adequados e não discriminatórios (tais como tratamento de doenças sexualmente transmitidas) como direito básico da cidadania sexual; organização de *workshops* regulares sobre sexo mais seguro e *workshops* teatrais e de vivências corporais com o propósito de oferecer aos homens um local onde possam explorar questões ligadas às suas identidades sexuais, assim como as ansiedades e conflitos relacionados à infecção por HIV, condição soropositiva, e a negociação de sexo mais seguro; desenvolvimento de uma série de atividades (tais como avaliação de risco e serviços de aconselhamento aos HIV positivos); e desenvolvimento de atividades específicas para informar aos homens que fazem sexo com homens sobre o projeto, assim como alcançá-los em locais onde são feitos os contatos sexuais e onde muitas vezes ocorre a atividade sexual (*idem*).

Embora essas atividades de intervenção estejam ainda em andamento e seja muito cedo para fornecer uma avaliação completa, cabe antecipar que as atividades do projeto têm contribuído para um importante aumento na visibilidade de questões ligadas ao HIV/AIDS dentro da comunidade gay.

Aliás, é justo afirmar que a visibilidade do próprio projeto constituiu um estímulo importante para a organização e desenvolvimento de uma gama de atividades que contribuíram para a exploração, discussão e debate sobre identidades gay, ao mesmo tempo em que também procurou alcançar os homens que fazem sexo com homens, mas que não se identificam como homossexuais ou gays, e menos ainda como integrantes de um grupo epidemiologicamente definido como sendo de risco. Embora tais realizações pareçam relativamente limitadas, sobretudo à luz das profundas questões apresentadas pela epidemia HIV/AIDS, acreditamos, entretanto, que elas representam um importante primeiro passo no esforço de desenvolvermos uma resposta mais abrangente à epidemia. Na realidade, elas se coadunam fundamentalmente com nosso entendimento do papel das intervenções na prevenção do HIV como sendo menos dirigidas a provocar mudanças de comportamento individual do que em mobilizar comunidades e transformar os valores comunitários de maneira que acabem fornecendo apoio de longo prazo para a redução de risco e vulnerabilidade frente à epidemia.

III

Nos últimos dez anos foi desenvolvida uma variedade crescente de programas preventivos e atividades intervencionistas em vários cenários no esforço de responder ao impacto cada vez maior do HIV/AIDS. Entretanto, a maior parte desses programas tendeu a se concentrar sobre respostas à epidemia que foram relativamente superficiais e essencialmente técnicas, tais como a disseminação de informações e material educativo, a distribuição de preservativos, o fortalecimento dos serviços sobre DST etc. Na medida em que o projeto de programas e o fornecimento de serviços têm se inspirado em arcabouços conceituais mais amplos, em geral têm focado teorias psicológicas de mudança de comportamento individual em vez de abordagens mais sociologicamente fundamentadas do desenvolvimento e mobilização da comunidade.

Contudo, no decorrer do trabalho que foi iniciado na América Latina, em projetos como o brevemente descrito acima, um número de percepções importantes começou a surgir e que podem nos ajudar a repensar ou pelo menos reavaliar alguns elementos dos modelos que em grande parte parecem ter orientado as intervenções no comportamento frente ao HIV/AIDS no passado. Talvez mais relevante, dada a importância das representações e significados socioculturais que em última análise forjam o comportamento

ou as práticas humanas, gostaria de argumentar que a própria noção de uma intervenção “comportamental” é, pelo menos em parte, uma nomenclatura inadequada para falar e pensar sobre a questão que de fato enfrentamos. Embora mudanças de comportamento visando diminuir o risco da infecção por HIV constituam naturalmente a meta final de toda atividade intervencionista neste campo, cabe lembrar que os programas de prevenção da AIDS raramente intervêm diretamente no comportamento. Pelo contrário, na medida em que de fato intervêm, isto se faz normalmente no âmbito das representações socioculturais, e dos significados subjetivos e intersubjetivos que as pessoas mantêm acerca de seu comportamento. Em suma, procura-se mudar as maneiras como as pessoas pensam e concebem relações sexuais, risco associado ao HIV etc., na esperança de que estas mudanças permitam que tanto os indivíduos como as comunidades tomem decisões e resoluções que realmente reduzam o risco de infecção por HIV.

As chances de tais mudanças são, por sua vez, condicionadas por uma gama de fatores ou forças socioculturais e político-econômicas que talvez fiquem além das possibilidades de qualquer programa preventivo funcionar efetivamente, mas que seria perigoso desprezarmos. Na medida em que nos é possível integrar uma preocupação com tais fatores no projeto e implementação de programas de prevenção, concentrando-nos sobre como permitir que diversas comunidades avaliem e enfrentem com eficácia as forças mais amplas que formam, estruturam e mantêm a vulnerabilidade tanto social como individual diante da infecção por HIV e AIDS, poderemos começar a caminhar no sentido de dar respostas mais efetivas à epidemia, baseadas na comunidade. Em última análise, somente desenvolvendo tais respostas e mobilizando as comunidades afetadas poderemos esperar enfrentar a epidemia a longo prazo e de maneira sustentável.

Referências Bibliográficas

- CACERES, Carlos F.; ROSASCO, Anna M.; MANDEL, Jeffrey e HEARST, Norman. Evaluating a school-based intervention for STD/AIDS prevention in Peru. *Journal of Adolescent Health*, v. 15, p. 582-591, 1994.
- CARBALLO-DIÉGUEZ, Alex. Hispanic culture, gay male culture, and AIDS. *Journal of Counseling and Development*, v. 68, p. 26-30, 1989.
- CARRIER, Joseph. Sexual behavior and the spread of AIDS in Mexico. *Medical Anthropology*, v. 10, p. 129-142, 1989.

- DANIEL, Herbert e PARKER, Richard. *AIDS: A terceira epidemia*. São Paulo: Editora Iglu, 1991.
- LANCASTER, Roger N. *Life is hard: machismo, danger, and the intimacy of power in Nicaragua*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1992.
- MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel J. M. e NETTER, Thomas W. (orgs.). *AIDS no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1993.
- PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.
- PARKER, Richard. *A Construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1994.
- PARKER, Richard; BASTOS, Cristiana; GALVÃO, Jane e PEDROSA, José Stalin (eds.). *A AIDS no Brasil, 1982-1992*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1994.
- TERTO JR., Veriano. AIDS prevention for men who have sex with men in Rio de Janeiro and São Paulo. Trabalho apresentado na X Conferência Internacional sobre AIDS, Yokohama, agosto de 1994.
- WATNEY, Simon. Safer sex as community practice. In: AGGLETON, Peter; DAVIES, Peter e HART, Graham (eds.), *AIDS: individual, cultural and policy dimensions*. London: The Falmer Press, 1990.